

A HISTÓRIA ORAL COMO FONTE DE PESQUISA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Júlio Resende Costa¹

A existência da história oral confunde-se com a própria história, já que a oralidade foi a primeira forma de se registrar os fatos históricos. Durante muito tempo, a pesquisa em história da educação se sustentou, basicamente, em fontes documentais e imagens. A invenção do gravador, nos meados do século XX, trouxe uma nova perspectiva para a produção de fontes de pesquisa para a história da educação: a História Oral. A gravação de narrativas de pessoas que tiveram suas vozes silenciadas e excluídas do processo de construção do fenômeno histórico permitiu aos pesquisadores compreender a história a partir de uma nova contribuição, a dos relatos orais, das memórias e das versões produzidas pelos sujeitos históricos que participaram de fatos, contextos ou conjunturas históricas e que, nem sempre, é encontrada em outras fontes.

Apesar de ter sido utilizada como fonte de dados para a pesquisa ainda na década de 1950, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, a História Oral foi introduzida no Brasil a partir dos anos 1970, conquistando a adesão de inúmeros pesquisadores, dos mais diversos campos do conhecimento,

permitindo analisar diferentes temáticas, para além da história da educação.

A História Oral não se apresenta, na pesquisa em história da educação, como uma metodologia que nega as fontes documentais, iconográficas ou outras formas de registro histórico. Ela se constitui em um recurso que complementa outras fontes de dados e, muitas vezes, responde questionamentos e preenche lacunas apresentadas nos documentos escritos.

A História Oral pode ser dividida em três grupos, segundo seus fundamentos teórico-metodológicos: Tradição Oral, História de Vida e História Temática. Dependendo da forma como é utilizada, a História Oral pode ser concebida como técnica de produção e tratamento de dados e informações, fonte de pesquisa, método de abordagem ou metodologia. Para Santos e Araújo (2007) “utilizada como técnica, a História Oral é subsidiária de outra fonte. Comporta-se, no entanto, como recurso importante para completar falhas ou lacunas constantes de outra documentação” (p. 194). Em outro trecho, os autores nos falam que:

Na acepção de método, tem o seu lugar como fonte principal da investigação e envolve um conjunto de entrevistas, que funciona como amostragem significativa, expressiva, pela qual, elementos essenciais do universo em análise devem estar presentes. Como método, configura-se, então, como o fundamento da pesquisa com procedimentos claros (SANTOS; ARAÚJO, 2007, p. 194).

<p>Folha Acadêmica do CESC ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XX out-dez 2018</p>	<p>Trabalho 02 Páginas 05-08</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

Com foco na memória e sua potencialização de contar a história sob uma perspectiva distinta da história oficial, a História Oral pode revelar aspectos desconhecidos e permitir novas análises e compreensão do passado a partir de sujeitos que foram excluídos desse processo ou tiveram suas vozes silenciadas. Nesta direção, Matos e Senna (2011) assinalam que “a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos (p. 96).

O objeto resultante da História Oral consiste em um documento produzido conjuntamente entre o entrevistador e o entrevistado. A narrativa é uma produção que deve obedecer a critérios éticos que incluem a anuência do depoente para publicação do relato, pois segundo Santos e Araújo (2007), “os documentos de História Oral são resultados de relatos, de projetos compartilhados, em que entrevistador/pesquisador e entrevistado/narrador são envolvidos e, nesta perspectiva, possuem aspectos individuais e coletivos”. Os autores prosseguem afirmando que com Santos e Araújo (2007), “tais entrevistas são gravadas, transcritas, conferidas e com autorização para serem usadas” (SANTOS; ARAÚJO, 2007, p. 192).

Na entrevista, aspectos particulares e gerais se articulam e se intercomplementam, entre uma fala do depoente e sua memória diante do contexto histórico em que essa memória foi retomada. As falas são produzidas por sujeitos em um contexto socio-histórico, que fazem uso da memória e da palavra, e isso implica o trabalho com o que é dito e com o não-dito, com o que é silenciado. A transcrição da entrevista requer alguns cuidados por parte do entrevistador. Somente ele presenciou a narrativa e pode observar alguns detalhes que podem passar despercebidos na fala ou na escrita:

Em relação a transcrição, é voz unânime entre os especialistas da área que esta se faça imediatamente após a realização da entrevista e que seja feita por pessoa diretamente envolvida no processo, prioritariamente o entrevistador. Toda entrevista é revestida de uma gama de detalhes: são sorrisos, lágrimas, gestos, reticências que devem ser anotadas pelo entrevistador (SOUZA, 1997, p. 62).

Devido à dimensão subjetiva que algumas vezes é atribuída à História Oral, alguns autores discutem esse argumento, supondo que ela está impregnada de subjetividade e pode comprometer a elucidação da verdade. Entretanto, toda fonte de pesquisa é produzida pelo homem e, por isso, estão marcadas por subjetividade. Ou seja, por ser produzida pelo sujeito histórico, toda fonte apresenta subjetividade e podem não ser totalmente confiáveis (CAMARGO, 1993 apud SANTOS; ARAÚJO, 2007). No mesmo sentido, Thompson (1998) apud Santos e Araújo (2007) afirma que “não há

<p>Folha Acadêmica do CESC ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XX out-dez 2018</p>	<p>Trabalho 02 Páginas 05-08</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

fontes totalmente seguras. Tanto o oral como o escrito, podem ser modificados, corrompidos” (p. 195).

[...] a entrevista (fonte oral) não se constitui na história em si, mas é uma construção que o indivíduo faz de seu passado com base nas experiências guardadas por sua memória. O trabalho de análise e reflexão sobre a série documental de que dispõe, seja com as fontes orais ou qualquer outro tipo de fonte, e a consequente crítica interna e externa a essas fontes é que possibilita ao historiador construir seu trabalho historiográfico, ou seja é a atividade profissional do historiador que cria as condições para a construção de uma história com base nas fontes orais e não a fonte por si só como sugere o termo história oral (SELAU, 2004, p. 218).

Da mesma forma, o “trabalho com a pesquisa qualitativa exige que o investigador se preocupe em compreender os eventos investigados, a partir sempre de seus contextos, sendo necessário, assim, uma descrição detalhada das condições de produção” (ALVES, 2016, p. 3).

Utilizar a história oral em pesquisa pressupõe um intenso trabalho de preparação, o que inclui o prévio levantamento de dados que subsidiará o roteiro de entrevista. Por outro lado, a história oral enquanto metodologia de pesquisa requer do entrevistador, além da acuidade investigativa, objetividade e clareza na condução da entrevista.

Utilizada como método ou como metodologia, a História Oral assume sua posição como uma nova perspectiva socio-histórica de abordagem qualitativa na pesquisa em Educação a partir de meados do século XX. A partir das narrativas de sujeitos

que vivenciaram fatos ou fenômenos históricos, ela fornece elementos altamente significativos no processo de investigação do passado, permitindo reconstruir a história a partir de informações ou dados que nem sempre são encontrados nos documentos escritos ou na iconografia.

Sua utilização na investigação de fenômenos históricos requer do pesquisador domínio de sua estrutura teórico-metodológica, formas de abordagem e interpretação dos resultados obtidos por meio das narrativas. Requer do pesquisador crença na História Oral como estratégia para a produção do conhecimento. Ela não rivaliza, nem nega os documentos escritos, imagens ou outras fontes de registro, mas procura complementá-los, responder questionamentos e preencher lacunas que outras técnicas de pesquisa não conseguem elucidar ou explicar

<p>Folha Acadêmica do CESC ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XX out-dez 2018</p>	<p>Trabalho 02 Páginas 05-08</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: Semana de História do Pontal e Encontro de Ensino de História, 3 e IV. Ituiutaba: UFU, 2016. *Anais...* Disponível em: <<http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral como fonte: problemas e métodos. *Historiae: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, FURG, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395/1286>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: vozes, narrativas e textos. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, n. 6, jan./dez., 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/282/289>>. Acesso em: 16 nov. 2018

SELAU, Maurício da Silva. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. *Esboços: Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFSC*, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/486>>. Acesso em 20 nov. 2018.

SOUZA, Carla Monteiro de. A incorporação de relatos orais como fontes na pesquisa histórica. *Textos e Debates: Revista do Centro de Ciências Humanas da UFRR*, Boa Vista, n. 4, 1997. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/986/794>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras, licenciado em Geografia e em Estudos Sociais pelo Centro Universitário de Formiga. Professor Conteudista da Universidade Federal de Uberlândia (bolsista UAB-Capes) e professor da Faculdade Única. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7338976171385170>.

<p>Folha Acadêmica do CESH ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XX out-dez 2018</p>	<p>Trabalho 02 Páginas 05-08</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	